



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMO NEGRO NO LIVRO “INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES” DE CONCEIÇÃO EVARISTO.

Letícia Ribeiro Pereira ¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise, a partir das teorias do feminismo negro e da interseccionalidade, da obra “Insubmissas lágrimas de mulheres” da escritora Conceição Evaristo. Pretende-se traçar uma discussão, na qual os caminhos de investigação propostos pela interseccionalidade e feminismo negro serão importantes no debate sobre a questão racial, de gênero e relações de poder. Conceição Evaristo trata esses temas pelo olhar da “Escrevivência”, termo cunhado pela própria autora, para tratar a situação das mulheres negras e os dramas comuns das personagens presentes em sua obra, diretamente atravessadas pelo machismo, racismo e pelas questões de classe. No presente artigo analisaremos ainda o conto “Isaltina Campo Belo” que marca essa característica de escrita de Evaristo, a escrevivência.

Palavras-chave: Feminismo negro; Interseccionalidade; Insubmissas lágrimas de mulheres; Conceição Evaristo.

INTRODUÇÃO

A literatura é um elemento cultural que reproduz parte dos valores de sua época e do pensamento dos sujeitos que os produzem, podendo ser utilizada como fonte de saber e de discussões de um tempo, nesse caso da contemporaneidade, pois a autora Conceição Evaristo é uma escritora do nosso tempo. No entanto, suas discussões, nos remetem também ao passado, uma vez que, escrever sobre questões raciais no Brasil, é rememorar o passado de colonização e exploração deste país.

De acordo com Cevasco (2003), a cultura tem um viés fundamental para a sociedade, em termos sociais, políticos e econômicos, contribuindo assim para a sua organização e funcionamento. A cultura está inserida dentro de inúmeras discussões, e aqui, discutiremos o lugar das mulheres negras dentro dos espaços culturais, mais especificamente a literatura, os dramas em comum das personagens que estão diretamente atravessadas pelo machismo, racismo e pelas questões de classe.

Conceição Evaristo é uma escritora referência em questões raciais no Brasil, seus textos narram uma história que apesar de ser ficção, também é relacionada a realidade de

¹ Mestranda do PPGCULT Aquidauana – UFMS em Estudos Culturais e Professora da REME/MS. E-mail: andreza2005ufms@gmail.com



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



mulheres e homens negros no nosso país. Esse é um fato determinante na sua obra, a autora faz uma escrita sobre si e sobre a população negra, que vai ser chamada por ela mesma de “Escrevivência”. Em seus livros, existem poucos personagens brancos, e quase sempre estão representados pelo poder, como no conto “Maria”, presente no livro “Olhos d’água” (Evaristo, 2015) em que a branquitude está representada pela patroa da personagem principal. A maioria das personagens são mulheres negras, suas histórias de resistência e muitas vezes de dor, porque apesar de serem histórias fictícias, a autora se preocupa em retratar a realidade do nosso país, que por seu passado escravocrata, torna a vida das pessoas negras mais dura até os dias atuais. Segundo Duarte e Nunes (2020), a autora define “Escrevivência” como:

“Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também.” (DUARTE e NUNES, 2020, p. 31)

Um dos pontos principais na discussão sobre os textos de Conceição Evaristo é a escrita de si, a autora se coloca numa posição de reconstrutora da história do nosso país por meio da literatura, a medida que escreve sobre temas muitas vezes sensíveis à população negra e os coloca como protagonistas das histórias. Historicamente, dentro das representações literárias, o negro aparece em um primeiro instante como alguém de má índole, com vícios, ou seja, a literatura, como um reflexo da sociedade racista e colonial, via o negro como algo negativo mesmo após o fim da escravidão. Segundo Medeiros (2011), a forma social da escravidão tem um impacto na representação coletiva dos personagens negros, ou seja, em como a sociedade vê a pessoa negra e em como ela própria se enxerga dentro desse contexto, demarcando um lugar socialmente inferior.

“A questão das construções de estereótipos literários acerca deste sujeito social. O aspecto degradado, ocupado por séculos no espaço social, atinge a construção ficcional, caracterizando o negro como elemento potencialmente perigoso, entrave, lascivo, maligno, estúpido, interesseiro etc. Resultados do período escravocrata e de suas decorrências na vida social brasileira, os estereótipos literários associados ao negro, segundo vários autores,



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



cumpririam a função de delimitar espaços, melhor dizer, barreiras sociais e literárias, em suas mais amplas acepções.” (MEDEIROS, 2011, p.24).

Nesse sentido, repensar a literatura, sobretudo pelo viés da escrita por mulheres negras, nos ajuda primeiro a entender essa retratação do negro, comumente utilizada na literatura, e posteriormente a construir novas formas de representação para pessoas negras, dentro das universidades, da literatura e das artes no geral.

Interseccionalidade e Feminismo Negro

Nas obras de Conceição Evaristo, especificamente em “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” (Evaristo, 2011), é possível perceber a interseccionalidade, ou seja, as categorias que se relacionam dentro da vivência de cada protagonista. Para Lugones (2008) a interseccionalidade revela o que não pode ser visto quando as categorias raça e gênero são analisadas como separadas uma da outra.

Nem só a categoria de negro e nem só a categoria de mulher pode dar conta das personagens de Conceição Evaristo e nem da própria autora, pois elas são mulheres e negras, o que lhes confere uma condição específica e ao mesmo tempo comum a outras mulheres que estão incluídas nessas mesmas categorias. É nessa discussão sobre interseccionalidade, que está uma outra questão igualmente importante: O feminismo por si só não consegue resolver a pauta das mulheres negras e o movimento negro, também não é capaz. A este respeito, Collins e Bilge (2021) escreveram:

“As questões específicas que afligem as mulheres negras permanecem relegadas dentro dos movimentos, porque nenhum movimento social iria ou poderia abordar sozinho todos os tipos de discriminação que elas sofriam. As mulheres negras usaram a interseccionalidade como ferramenta analítica em resposta a esses desafios.” (COLLINS E BILGE, 2021, p. 17)

Surge então a necessidade de um feminismo que consiga discutir as questões que são comuns às mulheres negras, um feminismo que aborde a questão racial e de classe, para além do gênero. O feminismo negro, é, por definição, interseccional, seu próprio nome revela a necessidade de discutir indissociavelmente as questões de raça e de gênero. Gonzales (2020) em seu livro “Por um feminismo afro-latinoamericano” explica que o feminismo foi um movimento político importante por trazer à tona discussões sobre sexualidade, violência,



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



direitos reprodutivos, mas que a discriminação racial sofrida pelas mulheres negras foi negligenciada pelo movimento. Para Gonzales (2020):

“A exploração de classe e a discriminação racial constituem as referências básicas da luta comum de homens e mulheres pertencentes a um grupo étnico subordinado. A experiência histórica da escravidão negra, por exemplo, foi terrível e sofridamente vivida por homens e mulheres, sejam crianças, adultos ou idosos.” (GONZALES, 2020 p. 147)

Sabemos que homens e mulheres negros e negras sofrem os impactos da escravidão e o racismo, pois estão ligados pela questão racial. Mas isso não impede que homens negros reproduzam machismo e violência de gênero contra as mulheres de sua cor e para Gonzales (2020), esse é o ponto que fundamenta a necessidade de uma análise feminista de suas questões:

“Nossos parceiros do movimento reproduzem as práticas sexistas do patriarcado dominante e tentam nos excluir da esfera de decisão do movimento. E é justamente por esse motivo que buscamos o movimento de mulheres, a teoria e a prática feministas, acreditando poder encontrar ali uma solidariedade tão cara à questão racial: a irmandade.” (GONZALES, 2020 p. 148)

Collins e Bilge (2021) vão discutir o movimento de mulheres negras no Brasil, afirmando que as feministas brancas se mantiveram indiferentes as discussões raciais, mas algumas ativistas negras como Lélia Gonzales e Sueli Carneiro continuaram a lutar por questões pertinentes às mulheres negras. As desigualdades sociais não são as mesmas para homens e mulheres negros e brancos e a interseccionalidade nos ajuda a entender como elas funcionam para cada uma dessas categorias. Para elas:

“Nem o feminismo brasileiro, liderado por mulheres que eram sobretudo ricas e brancas, nem o movimento negro, que estava ativamente engajado em reivindicar uma identidade negra coletiva que identificava o racismo como uma força social, poderiam por si sós abordar de maneira adequada as questões das afro-brasileiras.” (COLLINS E BILGE, 2021, p. 43)

Para Spivak (2010), o intelectual não pode falar pelo subalterno, mas sim criar condições para que o oprimido possa ser ouvido. A mulher pobre, segundo a autora, é ainda mais marginalizada que o homem, pois está atravessada também pelas questões de gênero e classe. Nesse sentido, a autora dialoga com o conceito de interseccionalidade:



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



“Pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão da “mulher” parece ser a mais problemática nesse conceito. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras.” (SPIVAK, 2010, p. 110)

A criação de um movimento de luta específico, como o feminismo negro, é resultado de uma série de tentativas das mulheres negras de verem suas pautas sendo representadas, tanto pelos homens de sua cor, quanto pelas mulheres brancas. Entretanto, nenhum dos dois grupos defenderiam tão bem esses interesses, quanto as próprias mulheres negras.

Insubmissas lágrimas de mulheres, Conceição Evaristo e a Escrevivência

Maria da Conceição Evaristo de Brito, conhecida apenas como Conceição Evaristo é uma escritora negra brasileira, nascida em Minas Gerais no ano de 1946. No entanto, sua carreira acadêmica e literária ocorreu no Rio de Janeiro, cidade em que ela mudou na década de 1970. Na capital fluminense, a escritora se graduou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tornou-se mestre pela PUC-RIO e Doutora pela Universidade Federal Fluminense. Trabalhou como professora da rede pública e é militante dos movimentos negros no Brasil. Conceição Evaristo tem uma origem humilde, sendo a mãe lavadeira de roupa e o padrasto, que ela considera um pai, pedreiro.

A importância da sua obra para esse trabalho é a escrita sobre mulheres negras, seus cotidianos, seus amores, desejos e sofrimentos, contados por uma mulher negra que também viveu boa parte dessas narrativas. Entender como cada uma das personagens de Conceição é singular, com uma história original, mas que dialogam umas com as outras por um elo em comum: o lugar da mulher negra, o racismo e o machismo que essas mulheres enfrentam ao longo de suas vidas.

Uma das marcas da escrita de Conceição Evaristo é a “Escrevivência”, já citada anteriormente, que é a escrita por uma mulher negra sobre situações comumente vividas por negros. Uma característica importante da “Escrevivência é que ela narra uma história individual que carrega as dores de um grupo social, mesmo não conhecendo aquelas mulheres especificamente, temos a sensação de conhecer, porque conhecemos tantas outras que carregam as mesmas dores. Para Santos (2021):



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



“As histórias das mulheres nos contos se confundem com trajetórias de vida de mulheres negras fora do âmbito ficcional, pois, ainda que sejam narrativas individualizadas são experiências com um sentido coletivo. Conceição Evaristo cunhou o termo “Escrevivência” para dar sentido a esse processo de narrar uma história individual, porém que carrega em si as vivências de um grupo social.” (SANTOS, 2021, p. 2)

Em seu livro “Insubmissas lágrimas de mulheres” (Evaristo, 2011), Conceição Evaristo reúne a história de treze personagens mulheres: Aramildes Florença, Natalina Soledad, Shirley Paixão, Adelha Santana Limoeiro, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo, Mary Benedita, Mirtes Aparecida da Luz, Líbia Moirã, Lia Gabriel, Rose Dusreis, Saura Benevides Amarantino e Regina Anastácia. Essas personagens, segundo a própria autora, foram baseadas em histórias de vida reais que ela ouviu de muitas mulheres. Ela afirma ainda que sua própria história se confunde com a dessas mulheres na “Escrevivência”. No prefácio dessa obra, Evaristo escreve:

“[...] Da voz outra faço a minha, as histórias também. [...] E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. [...] Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência.” (EVARISTO, 2016, p.7).

Podemos perceber, que a “Escrevivência” é o ponto de maior importância dentro da obra de Evaristo, e em muitos trechos ela vai deixar isso claro. Outra característica da “Escrevivência” é a utilização do termo corpo/história, uma vez que Evaristo associa o corpo com a história vivida pelas personagens, uma vez que estas se confundem numa escrita de si. Um exemplo é o conto de Mary Benedita, no qual é possível perceber que ela entende a vida das mulheres que contam essas histórias, como mulheres semelhantes a ela, mulheres que apesar de terem outras experiências, em muito se parecem com ela própria. Nesse trecho do conto, a autora se coloca como ouvinte de histórias de suas semelhantes:

“Não imaginei, entretanto, que ela mal sabendo que uma ouvinte de histórias de suas semelhantes havia chegado à cidade, tivesse vindo tão rapidamente à minha procura, para atender ao meu afã de escuta. [...] Viera para me oferecer o seu corpo/história.” (EVARISTO, 2020, p. 69)



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



No livro “Olhos d’água” (Evaristo, 2015), a autora também trata da vida de muitas mulheres negras, sempre com um final doloroso. Em contrapartida, no livro “Insubmissas lágrimas de mulheres”, apesar da dor das mulheres atravessadas por questões de gênero, raça e classe, as personagens narram suas histórias depois de terem passado pela dor, e, portanto, estão em um momento melhor de suas vidas narrando suas memórias. Sobre isso, numa entrevista, a autora diz:

“Só tive um livro que eu escrevi muito rápido que foi ‘*lágrimas de mulheres*’ [...] até respondendo a uma provocação de uma pesquisadora que questiona ‘ah, então a vida das mulheres negras é só tristeza? E aí não tem final feliz?’ Então respondendo a Edileuza Penha eu resolvi escrever ‘*Insubmissas lágrimas de mulheres*’ e crio, né? Essa antologia em que as mulheres passam sim por processos de dores, mas elas já estão depois contando o êxito. [...] elas já saíram da tormenta do sofrimento.” (Trecho de entrevista de Conceição Evaristo concedida ao *Leituras Brasileiras* em 5 de fevereiro de 2020)

Nesse livro, as personagens possuem nome e sobrenome, marcando sua individualidade, e as histórias são contadas sempre em primeira pessoa, de modo que é a própria protagonista está nos contando. E um dos pontos importantes dessa obra, são as diferenças entre cada uma das personagens, uma das personagens foi roubada da família quando criança, outra se tornou artista, uma se descobriu lésbica, outra ainda matou o marido para salvar a filha de um abuso, uma das personagens mudou seu nome, sempre retratando mulheres que passaram por uma série de violências, mas que conseguiram seguir suas vidas apesar da dor.

Classe, raça, gênero e sexualidade – Conto “Isaltina Campo Belo”.

Questões de raça, gênero e sexualidade serão discutidas no presente artigo por meio da análise do conto “Isaltina Campo Belo”. A escolha desse conto, se dá inicialmente pela marca de “Escrivência” logo no início do texto, quando a autora se compara com a personagem lembrando de um texto que explicava o porquê das mulheres negras rirem tanto.

Mas depois, é pela história de Isaltina, que vai aqui dialogar com o conceito de interseccionalidade. Isaltina é uma mulher, negra, lésbica e mãe. Sua origem familiar é composta por negros que foram escravizados, e com muita dificuldade compraram terras e suas próprias liberdades. Isso situa a personagem em um espaço muito específico, mas também muito comum de outras mulheres. Para Collins e Bilge (2021):



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



“A interseccionalidade fornece estrutura para explicar como categorias de raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outras posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo [...] Ao focar raça, gênero, idade e estatuto de cidadania, a interseccionalidade muda a forma como pensamos emprego, renda e riqueza, todos os principais indicadores de desigualdade econômica.” (COLLINS E BILGE, 2021, p. 33)

A interseccionalidade é um dos caminhos para pensar a situação das mulheres negras, pois nos permite entender especificamente a condição das mesmas. Sabemos que homens negros sofrem racismo, mas não estão atravessados pelo machismo que atinge as mulheres negras, assim como sabemos que mulheres brancas são vítimas do machismo, mas não sentem na pele o racismo. É nesse lugar que se situa Isaltina, que é uma mulher, negra e lésbica, e por isso, marcada por necessidades e questões específicas.

Isaltina Campo Belo começa sua história contando que se sentia diferente desde sua infância, sentia que trazia dentro de si um menino, que os médicos e a própria mãe estavam cometendo um erro ao tratá-la como menina. Um trecho relevante para a questão de gênero é quando Isaltina culpa sua mãe por não perceber que tinha algo de errado com a filha, mas não culpa seu pai porque o mesmo era muito ocupado com o trabalho.

Em seguida, logo na adolescência, Isaltina percebe que seu corpo também está errado, ao perceber a menstruação, que ela já sabia que era algo que só acontecia com as mulheres. Com o tempo, foi percebendo que seus desejos eram destinados a outras meninas e não aos meninos, como era o esperado pela sua família. A esse respeito, tratou de se fechar para as experiências românticas e sexuais, mesmo sendo questionada por todos.

Depois de se formar, resolveu mudar de cidade, para estudar mais e viver sozinha. Trabalhava de enfermeira no hospital da cidade. Na cidade nova, ninguém questionava sua sexualidade, e ela podia viver tranquila com o menino que acreditava trazer dentro de si. Até conhecer um rapaz da faculdade que se interessou por ela, ela tentou namorar com ele, meio sem jeito e por confiança, resolveu lhe contar que ela acreditava ser um menino por dentro. A isso o rapaz respondeu que ela com certeza gostava de homens e deveria ter muito fogo, afinal ela era uma mulher negra.

Nesse ponto, a autora toca num ponto importante dentro das discussões do feminismo negro que é a hipersexualização do corpo das mulheres negras, sabemos que historicamente as mulheres negras são sexualizadas no Brasil. A esse respeito, Gonzales (2020) escreveu que:



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



“O ditado “Branca para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar” é exatamente como a mulher negra é vista na sociedade brasileira: como um corpo que trabalha e é superexplorado economicamente, ela é a faxineira, arrumadeira e cozinheira, a “mula de carga” de seus empregadores brancos; como um corpo que fornece prazer e é superexplorado sexualmente, ela é a mulata do Carnaval cuja sensualidade recai na categoria do “erótico-exótico”.” (GONZALES, 2020 p. 154)

Segundo Hooks (2019), em seu livro “Olhares Negros”:

“Representações de corpos de mulheres negras na cultura popular contemporânea raramente criticam ou subvertem imagens da sexualidade da mulher negra que eram parte do aparato cultural racista do século XIX e que ainda moldam as percepções hoje.” (HOOKS, 2019 p. 112)

Isaltina continuou namorando esse rapaz, apesar de suas recusas sexuais, ele parecia não se importar e fazia tentativas apenas com palavras. Até o dia que a convidou para uma festa de aniversário, onde ele e mais cinco amigos estruparam Isaltina, dizendo entre eles que estavam a ensinando como ser mulher. Isaltina nunca contou o ocorrido para ninguém, mas desse estupro veio uma gravidez e nasceu sua filha, Walquíria.

Voltou para a casa dos pais, que ficaram felizes com a neta, trabalhou lá por um tempo, mas decidiu mudar-se de cidade novamente. Ela e sua filha viviam felizes, e um dia, quando levou sua filha para a escola, Isaltina percebeu olhares da professora Míriades, e lembrou-se do menino que existia dentro dela, mas entendeu que não ela era menino, que era sim uma mulher, e que poderia desejar outra mulher. E então se permitiu viver um relacionamento com Miríades e percebeu que poderia ser feliz em um relacionamento amoroso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, pudemos perceber alguns pontos importantes na escrita de Conceição Evaristo e no diálogo que sua obra tem com conceitos importantes que são abordados por outras intelectuais, a exemplo da interseccionalidade e do feminismo negro, aqui analisados por meio da escrita de Collins e Bilge (2021) e Gonzales (2020).

O conceito de escrevivência, uma marca da escrita de Conceição Evaristo, facilita o entendimento das questões raciais e de gênero vividas pelas personagens, porque nos coloca diante dessas situações e nos remete as histórias de tantas outras Marias, Isaltinas, Lias e



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



Reginas. A escrita de Conceição Evaristo não tem uma importância restrita ao campo da literatura, pois ao denunciar e narrar histórias vividas por personagens negras, a autora conta também a história da construção do país.

REFERÊNCIAS

- CEVASCO, Maria Elisa. Quarta lição: a formação dos estudos culturais. In: _____. Dez lições sobre estudos culturais. São Paulo: Boitempo, 2003.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.
- DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado. Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; Ilustrações Goya Lopes. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, Conceição. Escritora Conceição Evaristo é convidada ao Leituras Brasileiras em 5 de fevereiro de 2020) YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em 22 de junho de 2023.
- EVARISTO, Conceição. Insubmissas Lágrimas de Mulheres. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro, RJ: Pallas. 2015.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2020.
- HOOKS, Bell. Olhares Negros. Raça e Representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- LUGONES, Maria. Colonialidad y género. Revista Tabula Rasa, nº 9. jul/dez. 2008.
- SANTOS, Tassiane. Questões de Identidade e Memória em “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” de Conceição Evaristo. 2021.
- SILVA, Mário Augusto Medeiros. A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000) - Campinas, SP : [s. n.], 2011.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.